

Teste — Filosofia do Conhecimento

11.º Ano Filosofia 3 páginas 10 questões · 20 valores

Instruções: Responda a todas as questões. Cada questão vale 2 valores (total: 20 valores). Justifique as respostas de desenvolvimento com os conceitos e os autores estudados. Duração: 45 minutos.

Grupo I — Questões de resposta curta (10 valores)

1. (2 v) Formule o problema da possibilidade do conhecimento, apresentando dois motivos de dúvida que o sustentam (um relativo aos sentidos, outro relativo à razão).

2. (2 v) Explique a dúvida metódica de Descartes e distinga-a do ceticismo.

3. (2 v) Enuncie o cogito e explique por que razão é a primeira certeza indubitável, indicando se é conhecido *a priori* ou *a posteriori*.

4. (2 v) Clarifique o critério cartesiano de clareza e distinção, aplicando-o a um exemplo que passe no critério e a outro que não passe.

5. (2 v) Distinga, em Hume, impressões de ideias, e relações de ideias de questões de facto. Ilustre cada distinção com um exemplo.

Grupo II — Questões de desenvolvimento (10 valores)

6. (2 v) Analise a relação causa-efeito em Hume: distinga conjunção constante de conexão necessária e explique o papel do hábito na formação da crença causal.

7. (2 v) Formule o problema da indução e explique por que razão a tentativa de o justificar pela experiência é circular.

8. (2 v) Compare criticamente as respostas de Descartes e de Hume ao problema da origem do conhecimento, indicando o fundamento de cada uma e uma consequência para o alcance do saber.

9. (2 v) Apresente uma objeção de Hume a Descartes (ou de Descartes a Hume), explicando-a e avaliando a sua força.

10. (2 v) «A previsão de que o Sol nascerá amanhã é científica e, por isso, está demonstrada.» Tome posição sobre esta afirmação, mobilizando os conceitos de questão de facto, indução e justificação racional.

Soluções — Teste: Filosofia do Conhecimento

1. (2 v) Formulação: haverá algum saber seguro, ou tudo o que julgamos saber pode ser posto em causa? Motivo relativo aos sentidos: os sentidos enganam-nos (a vara parece curva na água). Motivo relativo à razão: nem as evidências matemáticas estão a salvo, pois é concebível um génio maligno que nos engane (ou a impossibilidade de distinguir vigília de sonho).

2. (2 v) A dúvida metódica é um *instrumento*: Descartes duvida de tudo o que admite a menor possibilidade de erro para encontrar um fundamento indubitável, suspendendo o juízo por etapas (sentidos → mundo exterior → génio maligno). Distingue-se do ceticismo porque este conclui que nada se pode conhecer, enquanto a dúvida metódica é provisória e visa a certeza — serve para chegar à verdade, não para a negar.

3. (2 v) Cogito: «Penso, logo existo». É a primeira certeza porque, mesmo duvidando de tudo, não posso duvidar de que estou a duvidar — e duvidar é pensar; pensar implica existir. É conhecido *a priori*: a razão apreende-o independentemente da experiência e dos sentidos.

4. (2 v) Claro = presente e manifesto ao espírito; distinto = separado de tudo o que é confuso ou diferente. Passa no critério: « $2 + 2 = 4$ » (evidência racional, sem mistura de elementos). Não passa: «a praia mais bonita é a da Caparica» (depende de gosto, não é evidente nem distinta).

5. (2 v) Impressões: percepções vivas e imediatas da experiência («a dor desta queimadura»); ideias: cópias enfraquecidas dessas impressões («a recordação dessa dor»). Relações de ideias: verdade necessária, descoberta pela razão, sem dependência do mundo (« $7 \times 8 = 56$ »); questões de facto: contingentes, justificadas pela experiência («o Sol nascerá amanhã»), cujo contrário é concebível.

6. (2 v) Conjunção constante: o que se observa é a sucessão regular e a contiguidade — A segue-se sempre a B. Conexão necessária: a ligação que atribuímos, como se A obrigasse B; não é objeto de nenhuma impressão. Hábito: após repetidas observações, a mente adquire o costume de esperar B quando vê A; é esse hábito que gera a crença causal — a necessidade é uma projeção do espírito, não um dado observado.

7. (2 v) Problema: nenhuma generalização a partir de casos observados está racionalmente justificada («todos os cisnes observados são brancos; logo todos os cisnes são brancos» — basta um cisne negro). A justificação pela experiência é circular porque pressupõe o princípio de uniformidade da natureza (o futuro assemelha-se ao passado), que é exatamente o que se pretende provar com a experiência.

8. (2 v) Descartes: a origem está na razão — ideias inatas e cogito (*a priori*), com o critério de clareza e distinção garantido por Deus; consequência: certeza absoluta quanto aos fundamentos e recuperação da confiança no mundo. Hume: a origem está na experiência — todas as ideias derivam de impressões (*a posteriori*); consequência: só as relações de ideias são saber seguro, e o conhecimento factual fica na probabilidade.

9. (2 v) Exemplo (Hume → Descartes): as ideias ditas inatas ou são cópias de impressões (logo não são inatas) ou são vazias de sentido; além disso, a ligação necessária admitida por Descartes nunca é observada — é projeção do hábito. Força da objeção: forte no plano empírico (a causalidade não é observada), mas pode ser respondida dizendo que a necessidade é uma condição racional do entendimento, não uma impressão (via Kant) — a objeção não é definitiva.

10. (2 v) (modelo) Tomada de posição: a afirmação confunde previsão científica com demonstração. «O Sol nascerá amanhã» é uma *questão de facto*: contingente, o contrário não é contraditório. A ciência apoia-se na indução, e a indução não se justifica racionalmente sem pressupor a uniformidade da natureza — logo, a previsão é altamente provável e pragmaticamente justificada, mas não *demonstrada*. Hume não nega a ciência: mostra os seus limites justificativos.